

## Editorial – Veras v. 6. n. 1, 2016.

Uma edição especial sobre alfabetização não poderia deixar de falar sobre Emilia Ferreiro. Melhor ainda é tê-la como entrevistada. A psicolinguista argentina, hoje a mais reconhecida e influente continuadora das pesquisas sobre a aprendizagem das crianças iniciadas por Jean Piaget, está atenta aos efeitos que a atual revolução tecnológica vem provocando na educação. E preocupada com a desatenção dada ao tema por parte dos educadores. Aos 79 anos, agraciada com sete títulos *Honoris Causa* e dona de uma obra de inegável impacto no campo da alfabetização, a pesquisadora não para de perscrutar os horizontes em busca de novas dúvidas. Uma delas ela divide com os leitores de *Veras*, na entrevista desta edição: vale a pena examinar mais atentamente as diferenças cruciais em relação ao suporte do texto impresso. Se o livro primava pela estabilidade, na esfera digital “a instabilidade é a regra”. É preciso lidar com isso, e com outras novidades que emergiram nas últimas décadas. “Cada vez mais crianças fazem suas primeiras incursões na escrita por meio de um teclado, principalmente para encontrar no Google a animação que querem ver”, exemplifica.

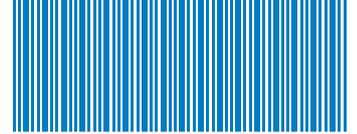
Emilia Ferreiro se tornou mundialmente conhecida a partir da publicação de *Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño*, em 1979, escrito em parceria com Ana Teberosky. Seis anos depois, a obra saíria no Brasil com o título *Psicogênese da Língua Escrita*. O livro tornou-se um divisor de águas nas reflexões até então colocadas sobre alfabetização de crianças pequenas. Uma das primeiras protagonistas neste debate que se instaurou nos meios acadêmicos e, posteriormente, na seara das políticas públicas sobre possíveis metodologias decorrentes das pesquisas de Ferreiro e Teberosky foi a educadora Telma Weisz. Três décadas depois da publicação do livro no país, seu artigo *A aprendizagem do sistema de escrita: questões teóricas e didáticas*, que abre o **Dossiê Alfabetização** desta edição, avalia o impacto deste livro e as resistências enfrentadas por seus primeiros divulgadores no Brasil, ao revisitar as discussões que envolveram a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais



e programas de formação de professores, como o PROFA, dos quais Telma foi participante.

Uma das decorrências mais importantes das pesquisas feitas por Emilia Ferreiro e os demais continuadores da obra de Piaget foi a compreensão de que a alfabetização também é uma forma de se apropriar das funções sociais da escrita. Com isso, as práticas de leitura ganharam um novo sentido e relevância no ambiente escolar; é sobre este tema que se detém o segundo artigo do **Dossiê Alfabetização**. Em *A linguagem escrita na Educação Infantil: uma análise sobre as práticas de leitura*, Andréa Luize avalia o papel fundamental do professor neste processo. Citando a entrevistada desta edição, a autora destaca que o docente, no ato da leitura aos seus alunos, é um intérprete, um “ator” a dar vida ao texto lido. Desta forma, durante as práticas de leitura em uma sala de aula, instala-se “uma tríade: um intérprete, uma criança e um conjunto de marcas gráficas”.

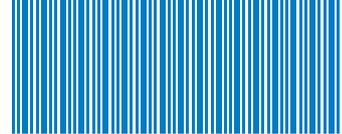
Ícone da educação em moldes construtivistas, a Escola da Ponte, em Portugal, chamou a atenção de pessoas atentas ao mundo educacional como o escritor Rubem Alves, que escreveu um livro sobre ela depois de conhecê-la em 2000. O trabalho inovador que vem sendo feito nesta instituição, e que serviu como fonte de inspiração para diversas experiências, motivou Mayara Rodrigues, aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos, e que atualmente faz intercâmbio acadêmico na Universidade do Minho, a buscar um estágio na célebre escola. Seu artigo *O processo de alfabetização realizado na Escola da Ponte: relato de uma experiência reveladora* questiona, a partir de algumas observações extraídas do cotidiano escolar presenciadas por ela, a ideia de que todas as práticas executadas naquela instituição são inovadoras. Como exemplo, cita a presença de imagens decorativas do alfabeto expostas na sala de aula com referências à primeira letra da palavra, “imagens que nos remetem às tradicionais cartilhas, que utilizam, por exemplo, o G de gato, o R de rato etc, na tentativa de facilitar a memorização das letras e sons”. No entanto, destaca, “a experiência pedagógica não deixa de ser enriquecedora, tendo em vista as demais práticas arrojadas que podemos constatar e vivenciar nesse contexto”. Algumas, bastante criativas e motivadoras, ela descreve em seu ilustrativo artigo.



Também seguindo a linha de um relato de experiência, Alfabetização como uma construção dialógica no conhecimento e aprendizado da leitura e escrita, de Soraia Souza Cardoso, integrante do **Dossiê Alfabetização**, ilumina a prática exitosa de um professor que a autora acompanhou como Coordenadora Pedagógica de uma escola pública estadual de São Paulo. Buscando aproximar-se do universo de seus alunos, jovens de famílias de baixa renda, repetentes, que integravam uma turma de 5º ano já estigmatizada no ambiente escolar, este docente criou estratégias didáticas que conseguiram motivar os aprendizes, como um “Diário de bordo” rapidamente adotado pela turma, a criação coletiva de uma música em ritmo hip-hop e um projeto de horta escolar, entre outras iniciativas. Por meio delas, diversas competências de leitura e escrita foram praticadas.

Um dos aspectos da questão da alfabetização vem a ser o seu avesso, ou seja, o analfabetismo. Em seu artigo *Educação e desigualdades: o analfabetismo como reforço à iniquidade e exclusão*, Mariele Gabrielli analisa a persistência histórica de elevados índices de analfabetismo no país, para a autora “a maior das iniquidades e determinante de muitas formas de exclusão social”. A despeito das políticas governamentais, o analfabetismo permanece em patamares elevados e, o que é pior, com distribuição desigual no território nacional. Para Gabrielli, esses índices apontam para “problemas nas ações de combate ao analfabetismo, no acesso, na qualidade dos cursos, na integração com o Ensino Fundamental e com outras modalidades de ensino e, principalmente, para a lentidão no enfrentamento desse problema”.

Sobre o passo seguinte para o enfrentamento do problema do analfabetismo apontado neste artigo, ou seja, o desafio da alfabetização de jovens e adultos, é a colaboração internacional desta edição de Veras. Em *Procesos psicosociales y didácticos en la alfabetización inicial de personas jóvenes y adultas: la urdimbre y la trama*, Marcela Kurlat postula a existência de duas grandes categorias, que se articulam em dimensões didáticas e psicossociais distintas, nas abordagens de alfabetização de jovens e adultos: uma, que remete à centralidade e à sacralidade dada às letras nos espaços educativos, a qual chama de “culto às letras”; outra, categorizada na vertente “pensar e fazer uso da escrita” e que, em oposição àquela,



pretende promover a reflexão “em uso”, estabelecendo relações entre oralidade e escrita nos aprendizes e buscando estabelecer uma ponte entre as práticas de leituras na escola e no mundo. Do choque entre essas duas concepções se alimenta esta interessante reflexão sobre “a urdidura e a trama nos processos de alfabetização inicial de jovens e adultos”.

Por fim, encerra-se este **Dossiê Alfabetização** com o debate, nunca esgotado, sobre o risco de se escolarizar a Educação Infantil em detrimento de outras práticas igualmente importantes para crianças pequenas, como o brincar. Giulianny Russo Marinho, no artigo *Ler e escrever na Educação Infantil: análise de uma proposta curricular*, aborda a questão a partir da análise detalhada da grade curricular de três grupos etários da Educação Infantil de uma destacada escola privada de São Paulo, observando como essa dicotomia pode ser apenas aparente. Na prática cotidiana de parlendas, poesias, cantigas e trava-línguas, por exemplo, presentes no currículo desta escola, onde definir o fim da brincadeira e o começo da aprendizagem?

A edição traz, ainda, dois artigos que, se não se enquadram no âmbito da temática de alfabetização, não deixam de abordar temas relevantes da educação, como leitura e letramento. Gisélia Oliveira de Sá Neves em *A experiência do observador e a Leitura Significativa: um rio acima de todas as margens*, traça um paralelo entre a situação do leitor e o célebre conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*. Como se estivesse navegando em um rio caudaloso e de correntezas, o leitor segue seu caminho “arrastando ideias previamente formatadas, significados combinados com antecedência e, sem se deter em pré-contratos que um texto possa suportar, seleciona o que lhe convém”. Já em “*É uma questão de céu e inferno*”: *letramentos e formação identitária por meio da análise de discursos religiosos*, Jonatas Michel Kuchnir e Gabriel Maciel de Lima analisam o discurso religioso em um site voltado à comunidade evangélica, e seu caráter de letramento ideológico que traz, implícito, uma proposta de “assujeitamento” diante de Deus.

Boa leitura!

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz,  
Ricardo Prado e Rodrigo Ratier, editores da Revista *Veras*

